

O AUTOR

Lorenzo Vilches

Diretor do Master de Escritura para TV e cinema da Faculdade de Ciências da Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona (UAB).

TECNOLOGIA DIGITAL: PERSPECTIVAS MUNDIAIS¹

Integração das mídias impulsiona transformações no campo profissional e da experiência na era da sociedade digital

A transição para a era digital da comunicação comporta um fenômeno que ultrapassa o terreno do tecnológico. O fato de que se fale de uma Sociedade da Informação implica uma condição social: todas as pessoas têm direito às funções e propriedades da informação. O princípio da *razão teórica* que diz que isto é benéfico para toda a sociedade é a chave para enfrentar a transformação das Ciências da Comunicação: a atitude crítica ante os novos desafios científicos e técnicos. O princípio da *razão prática* nos põe ante uma atitude construtiva para a formação das novas gerações de criadores e gestores dos meios de comunicação. A *razão teórico-prática* servirá para nos lembrar que o sucesso dos desafios da nova sociedade não

podem realizar-se sem o conhecimento dos condicionamentos econômicos e comerciais que regulamentam o intercâmbio comunicativo e que, acima de tudo, os valores éticos e universais da justiça, igualdade e respeito à dignidade humana constituem o critério referencial de todo pesquisador.

A situação atual, caracterizada por extrema complexidade, é resultado de uma evolução marcada, especialmente, pelo maior progresso tecnológico do digital, pela rápida e radical modificação do entorno econômico e financeiro mundial, pela tendência global à desregulamentação e à privatização em todos os setores, principalmente nos mais sensíveis como na comunicação, e pela progressiva importância adquirida pelos bens imateriais entre os consumidores.

1. Apresentado ao VI Congresso Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação – ALAIC, maio, 2002 - UPSA, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

No aspecto social, uma nova etapa se abre e se define pela migração à Sociedade da Informação, e também pela perda da territorialidade de origem e pela emergência de novas instâncias de mediação na cultura, na educação, nos serviços e no consumo. Porém, sabemos que o potencial de oportunidades é terrivelmente desigual entre o Norte e o Sul, em termos de riqueza e desenvolvimento. À euforia com que são recebidas, no *primeiro mundo*, as novas oportunidades do conhecimento e do bem-estar, se opõe o pessimismo daqueles que suspeitam do perigo de formação de novas zonas *infopárias*. Este cenário mundial cria razoáveis incertezas sociais, diante das manifestações de otimismo econômico por parte de grandes empresários e investidores, como único critério de valor. Mas também sabemos que o futuro da sociedade digital depende, em grande parte, das medidas de equilíbrio entre usuários, mercados das redes e responsabilidade política.

O equilíbrio no acesso à
Sociedade da Informação é, em
última instância, um exercício
de aplicação dos valores
universais e da democracia.

O risco de um mundo mais conectado, embora mais desigual, pode vir tanto pelo lado de uma sociedade dominada pelos mercadores como pelo abandono das responsabilidades por parte dos indivíduos e dos agentes sociais.

Sabemos que a era digital comporta mudanças estruturais. A matéria e a forma dos meios de comunicação, os siste-

mas de circulação do conhecimento e os vínculos que tecem a rede social já começaram a se transformar.

Sabemos que, como em toda etapa histórica, nos achamos em uma era de transição ou migração digital, cuja duração ninguém pode prever. Os cientistas e profissionais da comunicação são chamados à vigilância frente à evolução das repercussões culturais e sociais das telecomunicações, das redes do conhecimento estruturadas em torno da Internet e da adaptação ou transformação dos meios de comunicação tradicionais. Os mercados e as tecnologias das telecomunicações têm cruzado a fronteira dos territórios e Estados; a Internet acelerou ainda mais a tendência ao desequilíbrio lingüístico entre o inglês e todas as demais línguas; os meios de comunicação tradicionais se acham na defensiva, frente às estratégias de fusões e fissões que os operadores internacionais, principalmente através do capital norte-americano, têm empreendido a partir da liberalização imposta ao mundo, enquanto os Estados Unidos reservam o protecionismo para si próprios.

O discurso da independência dos meios se torna cada vez menos verossímil e também não será fácil continuar mantendo a individualidade de suportes, gêneros e formatos para rádio, imprensa e televisão, os quais já estão sendo integrados em vastas zonas multimídia. A integração dos meios significa também a incorporação de novas lógicas do saber fazer dos profissionais, das estratégias comerciais e dos conteúdos. A chegada de profissionais externos à tradição jornalística, à formação e cultura dos meios, provenientes da engenharia, da informática, das artes visuais e do *marketing*, já começou a de-

monstrar seus efeitos sobre o produto final. Do mesmo modo, os romancistas se encarregaram das páginas culturais da imprensa do século XIX, quando os donos de jornais perceberam que, em verdade, o que interessava aos leitores é que lhes contassem histórias bem escritas.

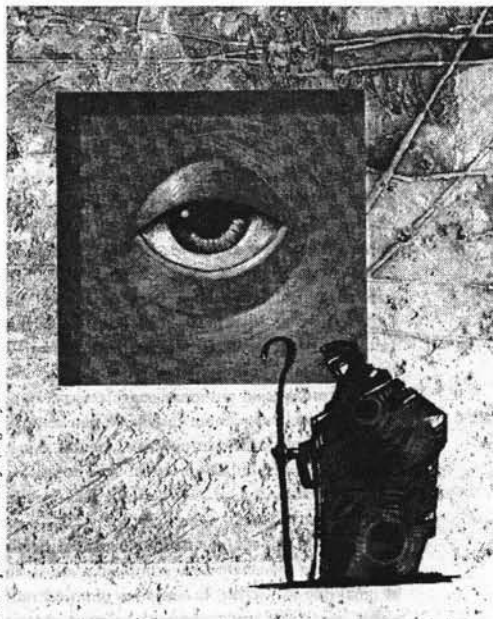


Ilustração: Andrés Bórja (Signo y Pensamiento - 2002)

A era digital encontra a imprensa, o rádio e a televisão num estado de conservação muito diferente dos de suas origens, já que foram submetidos a contínuas migrações de formatos, gêneros e práticas profissionais. Os públicos ou destinatários dos meios também se têm acostumado a migrar ao ritmo das novas ofertas de meios e programas.

É assim que, quando chegou a Internet, o usuário integrou quase naturalmente o computador junto ao televisor e à imprensa. As progressivas ondas de usuários que a Internet rouba à televisão são, desde 1998, pouco significativas na Europa, embora sejam o suficiente para anunciar

que o número de usuários da rede aumenta de forma exponencial.

Existem, no entanto, surpresas e, portanto, novas situações a serem analisadas profundamente, tanto para os investidores como para os cientistas sociais: por um lado, o recuperado prestígio do texto lingüístico, que tinha perdido importância a favor da grande poluição de imagens; e ainda, o ressurgimento da magia do telefone a par de sua transformação tecnológica, ou por causa dela. O certo é que hoje escrevemos mais que antes, graças ao computador. Mas também, e isto é privilegio dos mais jovens, no teclado do telefone móvel. Quem tinha dito que a escritura estava morrendo, e que a comunicação oral perdia a sua força social? Hoje escrevemos e falamos mais através das interfaces que evoluem continuamente. Mas essa mesma evolução poderia levar à desapareção do teclado em favor da conversão textual da palavra sonora. Ao mesmo tempo, começamos a nos ver numa longa guerra que acontece no campo estratégico da comunicação.

Quem terá o comando da praça
no futuro próximo: as
telecomunicações, a
informação jornalística ou os
meios audiovisuais?

Daqui nascerá a próxima era da comunicação que será dominada por uma destas três tendências do negócio mundial.

Por enquanto, as Ciências da Comunicação se encontram num cenário dis-

putado por um discurso polarizado entre dois setores de pensamento: o discurso pessimista, segundo o qual há uma só economia e um só mercado globalizados, o que facilita a pandemia do pensamento único. E o discurso moderadamente otimista, segundo o qual as novas zonas abertas pelos novos modelos econômicos regionais e pelo protagonismo efetivo no exercício da democracia comunicativa são perfeitamente legítimas e podem proporcionar um novo impulso histórico para a tomada de responsabilidades pessoais e de exigência aos poderes públicos.

Os ativistas da mobilização anti-globalização, de Davos a Porto Alegre, passando por Barcelona e de retorno a Porto Alegre, nos demonstraram, durante o breve caminho percorrido até agora, que não basta a denúncia sem o exercício da imaginação solidária e inteligente, para a proposta de soluções.

O alto valor concedido à inovação e o entusiasmo pelas oportunidades abertas pela Internet e as tecnologias da comunicação não são patrimônio nem competência exclusiva da América do Norte.

O projeto Galileu, para a criação de uma constelação de 30 satélites de comunicação europeu, que começou no fim do século XX e que entrará em funcionamento dentro de seis anos, é um

sistema global de navegação por satélite alternativo ao GPS norte-americano e ao GLONASS russo, que foram concebidos nos anos 70 com fins exclusivamente militares. O Galileu, que abrirá enormes possibilidades às telecomunicações, tem objetivos civis e servirá para melhorar os serviços aos usuários no transporte por estrada, à prospecção de fontes de energia e à segurança e gestão do espaço aéreo. Não obstante, é bastante provável que estará também a serviço dos objetivos da vigilância e à observação em tempo real de toda a geografia espacial, marítima e terrestre. O sonho do Grande Irmão².

DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Antes de propor o que avalio serem os principais pontos de discussão sobre os desafios no âmbito do profissional que as Ciências da Comunicação terão de atender, vamos expor, brevemente, os cinco aspectos que caracterizaram a migração técnica e social que se deu no âmbito da comunicação.

A digitalização das telecomunicações – dos conteúdos de textos, de imagens e de sons, os suportes e terminais de comunicação têm acelerado a convergência de todos os meios. Este universo digital tem-se canalizado através da Internet, a telefonia móvel e a televisão digital (em suas modalidades de satélite, cabo ou terrestre), chegando diretamente ao público, através da modalidade do consumo em forma de redes. Na primeira etapa digital, os consumidores têm

2. Refere-se à metáfora do Grande Irmão (Big Brother), criado por George Orwell, no livro 1984. (N. Ed.)

começado a integrar espontaneamente os suportes digitais multimídia, como o CD de dados e música e o DVD; assim como a conectar-se à rede de Internet. Mas ainda estamos sem saber se ocorrerá uma integração ou uma desagregação de terminais atualmente em fase de experimentação. As modalidades de recepção social são, por enquanto, incertas com respeito a seu uso familiar, individual e profissional. Assim como também são incertas no que diz respeito aos tipos de atitude psicológica frente à interatividade, à faculdade de conectar-se e à mobilidade dos conteúdos em oferta.

Congregados à revolução digital e à diversidade de expectativas dos consumidores, nos achamos ante uma só certeza: a de que os modelos clássicos de teorias e técnicas da comunicação serão tão obsoletos como o modelo clássico de difusão do conjunto dos meios, da produção dos conteúdos e da oferta de serviços que dominaram o século XX.

As Ciências da Comunicação acham-se ante a necessidade de responder ao desafio de que as pessoas envolvidas no setor das telecomunicações, do audiovisual e multimídia, assim como da informática, não esperarão a renovação das universidades para se orientar frente às novas empresas, na preparação das novas profissões e na competência necessária para a gestão e a produção de novos conteúdos.

O informe da Associação Européia de Jornalistas³, adiantando-se aos departamentos universitários de comunicação, aportaram já, em 1998, algumas linhas

de reflexão sobre a empresa multimídia do futuro e as novas formas de exercício da profissão assim como as necessidades de uma formação adequada à nova situação. Em termos gerais, e além do informe de Maastricht, se pode indicar algumas tendências do desenvolvimento da comunicação que incidirão diretamente no âmbito da pesquisa e da formação em Ciências da Comunicação.

A migração à informatização, no conjunto da produção audiovisual, deve supor uma mudança na preparação cultural dos profissionais. Os técnicos, empregados em diferentes fases da cadeia de produção multimídia, deverão ser polivalentes. Tanto a organização empresarial como o exercício da profissão tenderão a impor a estrutura do sistema informático. O uso da documentação em linha e a ênfase na pós-produção converterá os profissionais, de criadores únicos, em mediadores do processo.

A mobilidade e internacionalização do mercado de trabalho no âmbito da comunicação já é um fato, basta comparar as ofertas de trabalho na rede para os campos do desenvolvimento social em comunicação.

A contaminação da atividade técnica, com a criação de conteúdos, multiplicará o número de interfaces, mas reduzirá notavelmente o número de pessoas. Os produtores de conteúdos serão técnicos e os técnicos deverão exercer tarefas de produtores de conteúdos. As empresas de comunicação se preparam para esta fusão de competências profissionais.

3. The Future of the Printed Press – challenges in a digital world, European Journalism Centre, Maastricht, 1998. (O futuro da imprensa – mudanças no mundo digital. Associação Européia de Jornalismo.) – <http://www.ejc.nl/hp/fpp/contents.html>

As contínuas fusões
empresariais no campo da
comunicação não são diferentes
das práticas em outros
domínios da economia.

Tome-se como exemplo o que ocorre entre os correspondentes de grandes conglomerados de televisão: reduz-se o número de empregados, porque seus donos sabem que uma boa reestruturação pode cotizar tão bem na bolsa como uma boa inversão econômica (e, aliás, sempre haverá estudantes dispostos a trabalhar grátis no que, eufemisticamente, se chama práticas de empresa). Na empresa de grandes jornais, um correspondente trabalha para várias seções, um *freelancer* pode se ocupar de vários meios internacionais, um estudante universitário, se for bom fotógrafo amador, pode ganhar a vida oferecendo suas reportagens a jornais e revistas diferentes, poupando complicados contratos de trabalho à empresa.

O rápido desenvolvimento da tecnologia de reprodução digital da imagem e do som exigem novas condições e prestações para os artistas e desenhistas/projetistas no campo da televisão, videogame e desenhos técnicos.

A emergência da produção digital supõe a emigração da indústria da difusão em direção à indústria da distribuição de arquivos textuais, sonoros e visuais. A oferta de conteúdos será cada vez mais diversificada apesar de as aparências mostrarem o contrário neste momento. Para a gestão de tais arquivos serão necessárias novas competências de aplica-

ção e racionalização tanto no âmbito informático quanto no da documentação.

A profissão do documentarista multimídia será uma das novas profissões com maior futuro na área de empresas e instituições, para a exploração de novos mercados e democratização do acesso ao patrimônio audiovisual universal.

A semiótica da imagem e a competência semântica terá cada vez maior implicação na construção de sistemas de bases de dados icônicos e textuais para colaborar na standardização de padrões de busca e na cientificidade de critérios de leitura e segmentação automáticos.

As possibilidades de acesso e de distribuição da informação na Internet trarão consequências sobre a estrutura e organização nos campos da comunicação. Estão sendo criadas novas tarefas tais como a do diretor editorial e comercial, dos jornalistas *on line*, dos criadores de *web* para cursos e plataformas de pesquisa. Muitas das funções que antes se desenvolviam em empresas se converterão em teletrabalho, feito individualmente e em casa.

Além das novas competências no ofício da comunicação, estamos ante uma profunda reorganização de modelos de temporalidade produtiva, que se trasladam de estruturas lineares a modelos reticulares. A criação das redes de trabalho permite a incorporação simultânea de jornalistas, desenhadores gráficos, documentaristas na imprensa, ou

de roteiristas, produtores, cenógrafos e realizadores sobre um mesmo programa de televisão.

As tarefas que os poderes públicos estão obrigados a desenvolver, se querem contribuir com o desenvolvimento da formação de novos profissionais no campo da comunicação, devem procurar fórmulas imaginativas para permitir a formação continuada, favorecer o acesso à informática a partir da escola elementar, provendo-a de pessoal qualificado para a implementação de programas e plataformas educativas em todos os níveis da educação não regrada. A formação universitária dos futuros profissionais da comunicação poderia estar definitivamente condicionada desde a educação básica.

Além dos âmbitos empresariais, profissionais e educativos, todo o universo cultural e social se acha em plena transformação, e mentem aqueles que reiteram que a globalização é uma questão puramente econômica (como afirma com razão Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia). As novas redes têm uma própria dimensão cultural que transcende a mera tecnologia, os usuários têm sua própria concepção sobre as dimensões regionais nas quais interatuam. Os conceitos e teorias que aplicamos à nova Sociedade da Informação deverão tomar em conta a maneira pela qual se verão afetados os processos sociais pelo cruzamento de dimensões culturais heterogêneas. Por exemplo, será preciso pesquisar como se conjugam as aproximações entre as Ciências Humanas e a tecnologia nas zonas regionais. Como poderão ser geridas as novas proprieda-

des temporais das tecnologias, desde as culturas locais, para introduzir variáveis que reduzam e barateiem o tempo da comunicação? Quais as novas redes que haverá de ser criadas? Que novos tratamentos da informação serão necessários para a restituição do legado cultural e de identidade, e a criação de novas expressões culturais?

A América Latina tem uma original e rica história de análises críticas aos processos de desenvolvimento, além de importantes contribuições à comunicação e à educação popular, que têm na Rede um campo de possibilidades aberto⁴.

É evidente que a comunicação eletrônica tem sido feita de maneira universal graças à Internet. Mas os processos sociais que se desenvolvem na Internet são o resultado de ações diretamente relacionadas com os âmbitos geográficos, culturais e econômicos.

Algumas dessas ações são :

a) A comunicação eletrônica e sua dependência dos processos de regionalização ao acesso, língua, recursos técnicos, capacidade de gestão de grandes quantidades de informação etc.

b) Os efeitos da mudança da disponibilidade presencial pela disponibilidade na rede, no mundo laboral e empresarial.

c) Os efeitos do distanciamento espaço-temporal na educação, na educação artística e cultural.

d) Os efeitos do traslado à rede dos processos comunicativos interpessoais. Como os processos de aprendizado em grupos das comunidades criativas, procedentes de diferentes regiões geográficas e lingüísticas afetarão a convivência entre

4. Ver: Catálogo de *sites web* para a Investigação da Comunicação e o Desenvolvimento; Universidade Católica Boliviana, San Pablo, La Paz, maio, 2002. <<http://www.ucbba.edu.bo>>

diferentes níveis sociais e culturais? Em que sentido haverá mudanças na comunicação interpessoal, com respeito à temporalidade, à escritura, às comunidades e línguas afins?

e) A análise das resistências culturais à integração dos campos profissionais e sociais nas novas tecnologias.

f) A análise das resistências às mudanças nos processos e modelos de gestão do público, por parte dos representantes democráticos. Será necessário lutar contra uma nova indigência, aquela de tipo cultural que sofrem os dirigentes do poder econômico e do político.

g) O estudo dos fluxos de integração das redes de comunicação e os processos de desintegração dos núcleos sociais tradicionais vertebrados na família, no bairro, na cidade, na comunidade nacional.

QUEM ESTÁ FAZENDO A NOVA COMUNICAÇÃO?

Estaremos nós sempre dispostos a acreditar que a nova Sociedade da Comunicação é feita por quatro senhores, que se chamam AOL Time Warner, Microsoft, Vivendi ou Telefônica?

O papel da imprensa e da televisão no espaço público foi o centro do debate da comunicação e da sociedade durante o século passado.

O embotamento que aconteceu na sua análise, resultando no aumento dos tópicos e estereótipos que serviam de desculpa para a manipulação da informação por parte do poder (a objetividade da informação, o valor da imagem, superior ao da palavra etc.) tem tido todos os ingredientes de uma extensa confrontação entre agentes sociais, empresários e teóricos da

comunicação que, por enquanto, apresenta um saldo favorável à imprensa em detrimento dos outros meios.

Existem os donos das empresas jornalísticas, mas os profissionais têm uma ampla margem de responsabilidade no produto informativo.

Como resultado, pensa-se, não sem alguma razão, que se a imprensa não tivesse sido inventada, certamente a democracia teria tido mais dificuldades para se universalizar.

Sobre a televisão, no entanto, muitos chegaram a dar como certa a tese segundo a qual, se esta não tivesse sido criada, nós igualmente teríamos inventado algo para nos divertir estupidamente. Isso para chegar ao convencimento de que a televisão levou a uma perversão do espaço público, especialmente no que concerne aos valores da política e da cultura. Mas o que ninguém pode negar é que as imagens catódicas da televisão têm-nos feito menos cegos sobre o que acontece aos nossos vizinhos e aos povos distantes, mesmo quando a derrubada de um par de arranha-céus ou os tanques invasores, destruindo cidades inteiras, sirvam para inocular-nos a insensibilidade.

Tudo isso já acontecia antes da aparição da Internet. Assim que, com o advento da Rede, tem-se passado espontaneamente a suscitar as mesmas interrogantes em torno das necessidades de incrementar os níveis democráticos da sociedade, aos quais os meios tradicionais, incluído o rádio, não teriam sido capazes de dar resposta.

O certo é que a imprensa primeiro e depois a televisão organizaram-se em estreita relação com as etapas da democracia representativa do século passado, periodicamente interrompida por ditaduras de diversos fundos, na América Latina, Europa e no resto do mundo. Porém, coincidindo com a Internet, se abre uma etapa de exercício de democracia participativa, de tecnologias interativas, mediante a e graças à consciência de uma maior demanda e participação dos cidadãos na coisa pública e nas decisões que lhes concernem como sujeitos sociais.

Com o ingresso da Internet no universo da informação, acontece, pela primeira vez na história da comunicação, uma batalha, que apenas começou, entre os grandes produtores e distribuidores de conteúdo e as iniciativas dos grupos de usuários em todo o mundo, em torno das necessidades da participação social e sua projeção global para além do âmbito geográfico local.

Não se trata só de uma distribuição alternativa ou competitiva com os grandes meios (as *web* contra os jornais de referência, como *Le Monde Diplomatique* ou a televisão *Al Jazira* frente à Fox e às cadeias mundiais da CNN, depois do dia 11 de setembro do 2001). Não se trata só de mensagens redistribuídas e comentadas em forma alternativa; trata-se também de ter capacidade para publicar nas grandes revistas científicas (uma revista científica norte-americana cobra, para publicação, 500 dólares⁵).

As iniciativas das grandes empresas

internacionais de música contra a venda de CDs musicais nas ruas, e contra a tecnologia de reprodução musical de baixo custo (dois jovens espanhóis inventaram as *baciadas* de CD ao preço de 1 Euro, as quais podem se instalar nas ruas, e têm sido declaradas legais) nos lembram que não são as tecnologias digitais que criam os usos e a participação (a tendência de empresas e instituições de Pesquisa e Desenvolvimento – I+D), mas a capacidade de Invenção e Conhecimento (I+C) dos usuários que descobrem as possibilidades das tecnologias digitais.

SOCIEDADES VIRTUAIS VERSUS COMUNIDADES VIRTUAIS

Na indústria tradicional, a criação de riqueza nos meios de comunicação dá-se por meio da captação de audiências e das estratégias para que se consiga fidelidade ao *marketing*. Mas o fator principal de riqueza da nova sociedade da comunicação se baseia na simetria entre criação de conhecimento e sua distribuição em tempo real. Não se procuram audiências, mas visibilidade através da exposição na rede de informações e recursos dotados de identidade social.

Até o momento temos assistido a um domínio conceitual e efetivo da comunicação de massas⁶. No entanto, o termo comunicação coletiva – que também passa a ser utilizado – tem a ver com a interação permitida pelas tecnologias, com a circulação horizontal da informação e com as práticas comunicativas.

5. EL PAIS. *Sobre las revistas científicas y su poder*. 17 de abril de 2002.

6. Vejam-se os diversos conceitos adotados a partir de Ortega y Gasset; A mass communication; Baudrillard, Cultural Studies, etc.

A comunicação coletiva reconhece que todos os usuários têm direito e capacidade para produzir, arquivar, usar e transferir informação.

Têm a vocação de ser competitivos com os meios e empresas da informação, além de uma dimensão tecnológica preferente pelas redes virtuais, embora estejam reguladas por diferentes instâncias (institucionais, profissional, artística, econômica) regidas que são pelo direito, pela moral, pela democracia e pela justiça.

As sociedades virtuais se caracterizam pelos usos sociais da rede. Trata-se de uma tendência bastante difundida na Europa, e também amplamente presente nas ONGs internacionais, nas universidades e nas administrações locais, bem como em grupos de interesses reunidos ou amparados por alguma instituição. Suas características principais são:

- Aproveitar os recursos locais (cultura, economia, tecnologia);
- Potencializar relações interpessoais e tendência à associação (local/internacional);
- Criar serviços para a comunidade local ou internacional;
- Operar no comércio sem ânimo de lucro; troca e transação locais;
- Criar redes para o desenvolvimento da educação e pesquisa;
- Planejar políticas de recursos territoriais (capital humano, capital do conhecimento);
- Criar instâncias de governos locais⁷;

- Denunciar situações de injustiça, corrupção social, abuso dos direitos humanos.

As comunidades virtuais são redes fechadas, auto-suficientes (ex.: os cinéfilos, os que cultivam alguma mania). Em compensação, as sociedades virtuais são abertas e podem ser redes como a de Porto Alegre ou a de portais educativos.

Temos que distinguir entre comunicação global e local, mas também entre comunidades e sociedades. Uma sociedade é aberta e democrática se é regida pelos princípios dos direitos humanos e pelas regras específicas de um setor social.

Uma comunidade virtual, por seu *mud* (embaralhamento) ou jogo de papéis, tende a ser hierárquica e não participa necessariamente do interesse social.

As comunidades virtuais se auto-regulam. Têm uma dimensão ética e subjetiva, regem-se pela interdependência de interesses e de afinidades e não têm objetivos políticos nem desejos de intervir na sociedade, ou competir com os meios massivos. Mas pretendem utilizar e criar tecnologias para fomentar seus próprios interesses (próprio ou das academias) no marco da comunidade local e global.

Na comunicação coletiva (preferida nos Estados Unidos), e em menor medida na Europa, aparecem as seguintes características: competição com os meios internacionais e públicos; entre os meios de concentração e redes descentralizadas de informação pública (jornais eletrônicos como *Vilaweb*, feitos pelos próprios leitores); entre a produção internacional de conteúdo e a produção nacional (formatos e conteúdos); entre as redes de en-

7. Infovilla de Valencia – <http://www.infovilla.net>, Ciudad Virtual de Amsterdam, fundada em 1994.

tretenimento, misturados com grandes portais (AOL). São criativas, artísticas, culturais mais que políticas; alguns dos seus conteúdos: informação, cinefilia, intercâmbio e troca de música, imagens e programas, mercado de trabalho⁸.

As comunidades virtuais não são patrimônio exclusivo de uma democracia participativa, não institucionalizada, são também as formas de um novo mercado que as empresas tentam constituir a médio prazo, mediante uma imagem social bem implantada.

As sociedades virtuais, ao contrário, não querem ficar fora do sistema. Querem intervir, mas o acesso generalizado à democratização da participação nas redes não é impedido pelas empresas capitalistas e sim por instituições como os governos locais ou regionais, que costumam ter um considerável atraso na relação com a sociedade, tal como acontece na Espanha, em comparação com a Holanda ou a Alemanha. O fato de que, na Espanha, a grande maioria dos usuários se liguem à Internet a partir de suas casas e não do trabalho ou dos centros educativos, criou um grande desassossego em Castells e outros observadores sociais.

As estruturas conservadoras da educação e da instituição cultural atrasam a migração efetiva dos cidadãos.

Muitas vezes o problema do acesso democrático à comunicação não está na globalização mas no local.

Seria preciso lembrar aos poderes locais a obrigação de definir uma política transparente de acessos sociais, sem transferir aos grandes centros de poder mundial a responsabilidade final.

Os vícios de uma microglobalização (comportamento das instituições locais em função do poder político a curto prazo), o provincianismo e o nacionalismo auto-excludente podem ser o obstáculo mais importante para o desenvolvimento de uma democracia participativa.

Costuma-se dizer: o mercado não pode ser o árbitro social da comunicação, é necessário introduzir a política nas estratégias da Internet. E se diz também que a liberalização impõe a economia sobre a política, quando é a globalização que, precisamente, faz política.

As teorias da comunicação terão que enfrentar estas novas estruturas da especialidade. Estão se dando grandes mudanças, por exemplo, nas estratégias de *agenda setting*. As sociedades virtuais permitem inverter as regras das agendas informativas dos meios tradicionais.

Enquanto os meios jornalísticos selecionam, *a priori*, a informação, os *sites web* das sociedades virtuais de alguns organismos acolhem tudo e são os usuários os que, com seus comentários e resenhas, selecionam o que deve permanecer. Dessa forma têm chegado à mídia os casos de Mônica Lewinsky, as denúncias de abu-

⁸ Comunidade de Adolescentes: <http://www.teen.com>. Uma Comunidade "gay": <http://www.latinogay.com>.

sos sexuais na Igreja Católica, o aumento internacional do fenômeno zapatista etc. Os movimentos contra a pena de morte, contra a mutilação das mulheres etc.

As mudanças nas estratégias de recepção dos meios tradicionais, através da história da comunicação moderna, obrigam a questionar os tradicionais paradigmas defendidos nas Teorias Funcionalistas, Teoria Crítica e Estudos Culturais, porque não incluem os membros das comunidades e sociedades virtuais. Haverá que pensar tanto as categorias individuais como sociais da recepção na comunicação.

NOVA COMUNICAÇÃO E NOVO ESPAÇO PÚBLICO

O desenvolvimento das redes digitais de Internet e de telefonia prosseguem na tendência à visibilidade e à transparência dominante na modernidade dos meios. Há, no entanto, alguns paradoxos, mas a informática nos permite a visão direta e melhorada da realidade, embora a produção numérica não se faça por transparência, mas sim por opacidade. As imagens e a melhoria da visão se fazem por meio do sistema de escritura alfanumérica. A base da imagem continua sendo a geometria.

Sempre se tem dito que é preciso proteger as pessoas na sua intimidade e os prefeitos têm tido problemas para pôr câmaras de vigilância nas cidades. Mas, curiosamente, a visão da intimidade não tem vindo de fora, mas de casa. O programa de televisão *Grande Irmão* (*Big Brother*) é uma forma de espetacularizar uma tendência cada vez maior à auto-epifania. As *webcams* são verdadeiras micro-estruturas de observação do espaço público/privado. A forma mais difícil

de controlar o ciberespaço da comunicação não é nem global nem local, mas micro-comunitária. A visibilidade digital e o acesso à informação do corpo e da cápsula doméstica são o grande desafio comunicativo do futuro, que será possível através dos telefones de quarta geração. Trata-se de uma verdadeira inversão de migração cuja geografia se expõe de dentro para fora.

A saturação do Eu por excesso de exposição aos meios de comunicação no último século já saltou a barreira infranqueável entre o privado e o público. Se a televisão havia imposto uma ordem de visibilidade social (quem não sai na televisão, não existe), agora é o sujeito quem organiza o dispositivo de identidade. Nessa experiência da *webcam*, o importante não é a consciência de ser olhado pela câmara, mas a percepção da sua debilidade, da sua dependência da situação de ser olhado para existir, de se achar num espaço privado, mas sem se ocultar ante um espaço público que vive o privado.

Em uma sociedade na qual o cidadão se acha submetido cada vez mais ao regime econômico da privatização e à massificação dos indivíduos, o déficit de identidade se alimenta do narcisismo como sistema de sobrevivência das massas anônimas.

Para isso, nada melhor que expor em tempo real a intimidade dos outros. Certamente, também existem outras formas mais espetaculares e sangrentas de afirmação do eu, como as dos escolares que metralham, de vez em quando, nos Estados Unidos ou na Alemanha, seus professores e companheiros, ou algum desalmado que ameaça e mata algum grupo de vereadores na França. Mas já sabemos que a responsabilidade é da violência na televisão!

A QUE DISTÂNCIA ESTAMOS DE ENZENSBERGER?⁹

A nova consistência do espaço público exclusivamente baseado sobre o mito da transparência já se havia iniciado nos meios tradicionais, mas tinha uma estrutura assimétrica. Quanto mais aumentava o poder econômico das empresas, maiores eram a concentração e a centralização das decisões relacionadas com a difusão e a criação de conteúdos e programas. Hoje é possível um espaço público simétrico de comunicação. Quanto mais frequentemente ocorrer a concentração das empresas, quanto maiores forem as fusões e a concentração de poder (AOL Time Warner, Microsoft, Bertelman etc.) maiores são as oportunidades para a criação de redes de consumo e do acesso horizontal aos *softwares*: as *web* de intercâmbio gratuito de música, de cinema (a última versão de *A guerra nas estrelas* de George Lucas já foi instalada em milhares de computadores de adolescentes, os programas de *Windows* podem ser copi-

ados, ao mesmo tempo que saem da fabricação). Aumenta o poder econômico e político dos agentes capitalistas da comunicação, mas aumentam também as possibilidades de gestão democrática do acesso, distribuição e criação de conteúdos. O importante é que isto não ocorre à margem, mas precisamente graças à existência destas indústrias que pertencem à grande rede. Os movimentos antiglobalização se servem dos mesmos meios e linguagens para chegar aos grandes espaços de opinião no mundo. A alternativa dos meios está nos próprios novos meios (vejam-se as *web* criadas em torno a Seattle, Porto Alegre, Barcelona etc.)

Não obstante, esta simetria não significa que a transparência e visibilidade façam parte dos grandes agentes do poder mundial. Bancos, governos, moralidade pública dos administradores e dos partidos políticos estão com frequência sob o mesmo prisma de acusações por operações ilegais, paraísos fiscais, abusos de autoridade, corrupção. Mas, no seu conjunto, a sociedade tem maior acesso à visibilidade dessa gestão e escândalos como o do Peru, de Fujimori, da Enron, nos Estados Unidos, ou do BBVA, na Espanha, podem ser conhecidos em detalhes e bem documentados em todo o mundo conectado¹⁰.

MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Os novos meios serão tão rápidos como a realidade? O caso das vertiginosas su-

9. Hans Magnus Enzensberger (1929, Bavaria) poeta, ensaísta, jornalista, tradutor e dramaturgo. Tem tratado do papel do intelectual e da ciência no mundo globalizado. C.f. <<http://lgsxserver.uniba.it/lei/rassegna/010630c.htm>>

10. Ver a página do Banco Mundial: <http://www.worldbank.org/anticorruption>. Ver a página do Parlamento Europeu: www.europarl.eu.int/experts/default.htm

cessões presidenciais na Argentina primeiro e, depois, o falho golpe de Estado contra Chavez demonstram que os meios audiovisuais e a rede da Internet são superados pelos acontecimentos. Pode-se seguir definindo os novos meios pelo seu caráter imediato?

A televisão, entre outros novos meios digitais, reivindica o imediatismo e sua capacidade de integrar ou fagocitar os outros. A televisão se apresenta sob o signo do direto e do simultâneo (*Big Brother*, *Operação Triunfo*). O cinema recria cada vez com maior realismo o imediato para a percepção do espectador. A *webcam* pretende nos pôr diante da visão permanente da mostra do cotidiano. As instalações artísticas nos apresentam objetos, materiais e pessoas no seu estado *natural*.

Desde o Renascimento, a arte e a arquitetura nos propõem o imediato (contra a mediação) e a transparência (contra a opacidade); mas os novos meios estão submersos num paradoxo: na mesma proposição do objeto reside sua desapareição. A realidade virtual, o último dispositivo de imediatismo inventado, propõe a desapareição de toda mediação para deixar lugar à realidade. Os computadores são produtos humanos, mas uma vez que os programas são gravados, os humanos são substituídos. No momento em que o programador escreve um programa, ele está se apagando a si próprio.

As interfaces da transparência, como o *mouse* e a mesa de trabalho, que negam a proximidade dos caracteres, já são como a perspectiva de Durero, que eliminava o caos através da construção de um único ponto de vista.

As páginas dos jornais se parecem hoje mais às páginas das telinhas de portais e *webs*, enquanto as notícias na televisão são, cada vez mais, a expressão da influência da interface gráfica por cima da imagem real.

Em todos esses exemplos há uma tensão entre espaço visual e realidade mediada e real, que transcende à mediação mesma. As pessoas acabam se perguntando: é real a realidade?

DIFERENÇA ENTRE A TECNOLOGIA DOS ARTISTAS E A TECNOLOGIA DOS ENGENHEIROS

Durante os anos 60 e 70 houve uma feroz batalha, ocorrida no terreno do cinema, sobre o conceito de impressão de realidade como expressão da ideologia burguesa, que se solucionou com o aparecimento de artistas desconstrutores como Jean Luc Godard. Tratava-se de suprimir tudo aquilo que fosse imitação do real, para se encontrar diretamente com o processo de construção do real. Por exemplo, se havia uma greve de trabalhadores, o filme deveria expressar esses momentos de greve, embaraçando imagens e sons durante as seqüências rodadas durante a greve.

Os engenheiros da era digital, por sua parte, tentam fazer com que não se veja ou não se sinta a tecnologia. Em troca, os artistas da modernidade trabalham com os materiais de forma que se possam ver suas estruturas (Tapiés, Barcelona). Não é uma ironia se eu digo que a telenovela latino-americana é um típico produto pós-moderno: seus criadores conseguem que seja notada a passagem do tempo e adequam o tempo do discurso na tela ao consumo do tempo sentimental do espectador. Não é a história, o

argumento, a mimese o que importa verdadeiramente, mas o processo de desenvolvimento do melodrama. O tempo é o evento principal do meio.

A saturação social dos meios, que nos tem feito viver no século passado, tem a ver com o excesso de meios, de ruídos e de imagens, o que nos leva a confundir com o real. A saturação é opacidade por excesso de imediatismo. A transparência se consegue com a ausência do meio.

MEDIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As aplicações dos hipermeios são atos explícitos de transporte ou emigração dos meios tradicionais da transparência até o espaço digital. Os hipermeios estão dirigidos pelos mesmos objetivos: superar os limites da representação e alcançar o real. Que é o real? O real corresponde às experiências dos espectadores ou usuários, desde o aspecto da atividade exercida por meio das interfaces, até os aspectos da recepção emocional. Que dizer, a experiência de participação num evento tem substituído a televisão de conteúdos.

Os meios transparentes simulavam ou tentavam apagar as pegadas da mediação. Os meios digitais procuram a saturação da experiência da realidade. Exemplos: a música e o espetáculo das MTVs; não é o produto em si, mas o processo de assistir a um evento globalizado que interessa (muitos canais diferentes de MTV em diferentes línguas e estilos). O (programa) *Triunfo* representa a mesma coisa. Não é o produto (as canções são todas *remakes*, são melhores os seus originais que os imitadores), mas é a experiência do acontecimento compartilhado o que provoca emoções nos jovens.

HIPERMEIOS NÃO PROMETEM A REALIDADE, MAS A AUTENTICIDADE DA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA

A migração digital assinala o fim dos meios em seu contexto, para passar a ser o próprio contexto. Por isso, é preciso revisar as Teorias da Comunicação, os paradigmas, as funções e estruturas e a semiótica que procuraram separar-nos do tempo real, convencendo-nos de que a realidade não é senão um pacote de signos. A linguagem, que é vista como um mediador visível entre os sujeitos e a natureza, não é o único mediador. O fenômeno da tecnociência contemporânea consiste em uma intersecção migratória entre o sujeito humano, a linguagem e o mundo externo das coisas.

Essa intersecção migratória é a forma constituinte da experiência digital. Cada novo meio é uma migração parcial ou total vinda de outro meio, e isto só se pode levar a cabo com a afluência de sujeito, linguagem e ação tecnológica.

As Teorias da Comunicação devem servir para compreender as práticas comunicativas da indústria e da sociedade que são inseparáveis da migração digital. Isto para entender-se que existe uma revolução digital e que as culturas levam suas próprias formas de compreender suas relações com os outros, com a tradição, religião, línguas em direção à Rede. As re-

gras com que se governava a indústria da comunicação mudaram na última década do século XX, tanto como as formas de governar dos poderes públicos e privados.

TECNOCOMUNICAÇÃO

A tecnocomunicação começou a entrar na moda nos anos 90, fundamentalmente com a explosão das teletecnologias e a universalização da informática. No campo das Ciências da Comunicação encontramos, por um lado, uma tendência anti-tecnologia que prefere continuar os estudos da comunicação com conceitos e meios clássicos; por outro lado, o uso abusivo, superficial e não crítico do vocabulário das tecnologias, especialmente da informação; e, em terceiro lugar, temos o peso excessivo da mega-comunicação internacional que, desde os anos 70, relacionou as tecnologias com o capitalismo e com a dominação norte-americana, especialmente nos âmbitos da indústria militar (o que levará, equivocadamente, à atribuição exclusiva das origens militares da Internet.) E, finalmente, a negação da complexidade dos processos técnicos por parte do pós-modernismo, nascido nas sociedades opulentas, para situar-se numa crítica niilista e cínica da comunicação.

É assim que a questão das tecnologias fica fora da complexidade cultural (a devoção à engenharia da comunicação nos anos 80, por exemplo, com a chegada dos satélites da televisão), ou seja, na zona contrária à aceção que a dissolve na cultura, como faz o pós-modernismo. Uma das explicações para o abuso da nomenclatura da tecnologia reside no deslocamento da economia industrial em direção à economia da comunicação e, em conse-

quência, ao desenvolvimento das empresas de comunicação, que exigem, cada vez mais, investigação para o desenvolvimento (I+D) – especialmente nos Estados Unidos e, em menor escala, na Europa e Japão – e a busca da racionalização e eficácia na empresa, com a implementação da informática e das interfaces técnicas.

A informática aparece como preponderante no processo da gestão da comunicação. Vem daí o fato de que seu papel se veja como independente em relação aos contextos culturais, sociais e simbólicos, assim como alheia à subjetividade e intersubjetividade humana.

Por outro lado, o excesso, abuso e friabilidade na crítica à desconstrução dos textos culturais e a constatação de que a realidade da qual falam a informação e a televisão é uma realidade construída, levam a um afastamento do papel objetivo que pode jogar a técnica na sociedade (despreza-se a informação técnica sem havê-la estudado, nem praticado). As leis da realidade são construções sociais, enquanto uma parte importante dos recursos humanos da pesquisa cultural da comunicação se dedicava a estudar os termos de verdade, realidade, objetividade, convertendo-os em identificações simbólicas por obra e graça do predomínio da linguagem no construtivismo como ideologia do pós-modernismo.

Porém, outra parte dos recursos humanos nos Estados Unidos se dedicava a inventar a tecnologia e a ganhar muito dinheiro. É a tecnologia, precisamente, que acentua seu espaço extracultural enquanto se desenvolve sem parar nas universidades norte-americanas, apoiada pelos caçadores de oportunidades financeiras no Vale do Silício.

A concepção extracultural das tecnologias da comunicação, sustentadas pelas fortes inversões privadas e públicas, começam a ir em par com a idéia de autonomia da técnica.

Na técnica não há moralidade pertinente. Os indivíduos trabalham na inovação, e esta é possível só se é tecnológica. Enquanto isso, os teóricos da comunicação, fiéis ao seu *status* de cientistas, não têm nenhum poder de decisão sobre a orientação do desenvolvimento tecnológico. Na empresa prefere-se escutar um gerente comercial ou um informático, enquanto nos gabinetes políticos as Ciências da Comunicação têm ficado reduzidas aos ministérios de comunicação.

Mas, na última década, ocorre simultaneamente, por reivindicação da autonomia técnica, um ressurgir da Teoria Crítica. Põem-se em evidência a complexidade, as interações diversas entre os indivíduos e os coletivos frente às novas máquinas da comunicação, assim como seus aspectos simbólicos. O valor que têm estes estudos está precisamente em negar autonomia aos processos tecnológicos. A introdução da descrição narrativa dos contextos do desenvolvimento capitalista das tecnologias demonstra que a intersubjetividade tem um papel importante. Entre os investigadores e produtores da comunicação (produtores e jornalistas) existe um estreito relacionamento de interdependência, baseado no conceito das construções sociais. Os fatos são construções sociais, os conceitos de verdade e

objetividade (da informação, por exemplo) são o produto e não a matéria prima de pesquisadores e jornalistas.

Por enquanto, a pressão da Sociedade da Informação contribui para que se levem a sério os processos de racionalização e desenvolvimento que comportam as tecnologias da comunicação. Trata-se de processos que se negociam no âmbito das políticas industriais e tecnológicas dos governos, nos quais os economistas e os engenheiros têm uma autoridade preponderante. Estes processos não estão isentos de manobras, manipulações e de pressões de grupos de interesses políticos e empresariais. Por exemplo, a postergação indefinida da infraestrutura do cabo na Espanha, decidida nos anos 80, para apostar nas plataformas satélites que agora estão em crise em toda a Europa.

O atraso indefinido da televisão digital aberta demonstra que os poderes públicos estão mais interessados em manejar a distância o legado das novas empresas do que no desenvolvimento tecnológico.

Ou no expansionismo da Telefônica, e do Vodafone pelo mundo, que se paga com perdas de milhares de postos de trabalho, enquanto o desenvolvimento da banda larga, pela falta de cobertura no território nacional, segue atolado.

Por sua parte, o processo de unificação européia tem servido para apresentar uma

concepção mais exigente da construção social e política das tecnologias de comunicação, para subordiná-las a um projeto de sociedade. Isto se cristalizou no que se denomina Programa Marco de I+D (investigação para o desenvolvimento), que confirma o princípio da pesquisa em comunicação como uma investigação científica que deve ser o motor da transformação e do progresso social.

Frente ao panorama anterior, as tendências nas pesquisas de comunicação contemporânea podem ser representadas por alguns traços característicos: o desenvolvimento de uma Ciência da Comunicação passiva e não intervencionista (estudos condutistas e dos efeitos), que se confronta com técnicas e metodologias ativas, operativas, produtoras de conhecimentos no contexto real da sociedade (as ciências cognitivas aplicadas); o desenvolvimento de um saber especulativo (epistemologia da comunicação), que teve poucas oportunidades de desenvolvimento nas Teorias da Comunicação; uma semiótica que deve ser explorada em sua vertente empírica, no contexto tecnológico da imagem e a gestão informática da informação documental.

Em compensação, outras disciplinas menos científicas, mas nas quais a mudança, a evolução e o saber instrumental são determinantes (como no caso da publicidade e dos estudos de Psicologia e Sociologia aplicada às análises sobre os públicos) evoluíram rapidamente dentro do campo empresarial¹¹.

A Sociedade da Informação e o futuro das Ciências da Comunicação deve-

riam estar estreitamente relacionados, para que não se perca definitivamente a aposta por uma sociedade baseada em valores que não se limitem a investir e ganhar na Bolsa como a máxima aspiração no mundo da comunicação.

As tecnologias da comunicação e as tradições culturais das diferentes regiões do mundo podem abordar com certo sucesso uma relação entre a produção e a criação simbólica, física, técnica e crítica. A globalização não está predeterminada, e temos todo o tempo pela frente para a ilusão utópica, apesar da contingência e precariedade com que, em certas regiões do mundo, os pesquisadores estão obrigados a desenvolver-se. Não é só uma questão de responsabilidade social, é uma condição de liberdade e de criatividade frente a um futuro que, apesar de tudo, está amplamente aberto.

As tecnologias digitais nos estão desvelando progressivamente as articulações e as dinâmicas possíveis para serem desenvolvidas como formas de solidariedade, a partir da exploração das redes e das comunidades ou sociedades baseadas na interatividade.

As Ciências da Comunicação
não podem fugir às
manifestações de solidariedade
e ao cultivo da diversidade, nas
quais se acham imersos muitos
cientistas e técnicos do mundo.

11. Como exemplo de uma concepção tradicional da comunicação, com efeitos na distinção simples entre prática e teoria, pode-se ler *Hermes*, a Revista de Centre National de La Recherche Social (Centro Nacional da Pesquisa Social), diante de revistas como *Reseaux* (Rede) da Telecom França, que apresentam um conjunto variado de práticas, técnicas e teorias.

A reivindicação da identidade passa hoje pela defesa da biodiversidade, da logo-diversidade e da tecno-diversidade. A sabedoria nas Ciências da Comunicação é também política. É necessária uma dupla aculturação. Por um lado, uma formação e uma cultura nas tecnologias da comunicação global e local. Por outro, uma formação metacultural, uma cultura multicultural, que garanta a diversidade simbólica dos referentes geográficos, ar-

tísticos e lingüísticos. Esta formação, que poderíamos também chamar multicomunicação, por seus traços de tolerância e diversidade, poderia ser um bom ponto de partida para que nós, que nos dedicamos às Ciências da Comunicação, não percamos de vista os avanços da civilização em meio ao caos da planetarização dos mercados, interesses e poderes em conflito, que formam uma base substancial da Rede.

Resumo: O artigo chama a atenção do leitor para as transformações que estão em curso na sociedade contemporânea, principalmente, devido às interações com as novas tecnologias. Tais transformações resultam já em mudanças nas profissões e no perfil dos profissionais da área de comunicação, à medida que a integração entre as mídias dinamiza os processos dali provenientes. O autor também diferencia os conceitos de comunidade virtual do de sociedade virtual, destacando está última como aquela que se caracteriza pelos usos sociais da Internet e das redes de comunicação, enquanto as comunidades virtuais são redes fechadas e autosuficientes. Nesse sentido, destaca a importância da compreensão da mediação tecnológica e da mediação da experiência na reflexão sobre as perspectivas que se abrem para as Ciências da Comunicação.

Palavras-chave: tecnologia digital, Ciências da Comunicação, sociedade virtual, comunidade virtual, Internet

(A dialogue for the digital era: world perspectives)

Abstract: The article calls the reader's attention to the transformations that are in course in the contemporaneous society, most especially due to interaction with the new technologies. The transformations that are taking place already result in changes in professions and in the profile of the professionals in the communications area as the integration between the media dynamizes the processes that come from this. The author also differentiates the virtual community and virtual society concepts, highlighting the latter as the one that is characterized by the social uses of the Internet and of the communication networks, while the virtual communities are closed and self-sufficient networks. In this regard, it emphasizes the importance of understanding technological mediation and the mediation of the experience of reflection on the perspectives that open for Communication Sciences.

Key words: digital technology, Communication Sciences, virtual society, virtual community, Internet